

Atividade perde tração no Brasil e tensões no Oriente Médio elevam riscos globais

Destaques

No cenário doméstico, os dados divulgados ao longo da semana reforçam uma narrativa de desaceleração gradual da atividade econômica, ainda parcialmente amortecida pela resiliência do mercado de trabalho.

O PIB do quarto trimestre de 2025 cresceu 0,1% QoQ s.a., em linha com as expectativas, levando o crescimento do ano para 2,3%. Ainda que o resultado agregado tenha vindo próximo do esperado, a composição indica perda de fôlego da demanda doméstica, com destaque para o desempenho mais fraco do consumo privado e da absorção doméstica na margem, além do recuo das importações, movimento consistente com um ambiente de atividade menos dinâmico. Ainda assim, os dados do mercado de trabalho continuam apontando para um quadro relativamente resiliente. O Caged de janeiro surpreendeu positivamente, com criação líquida de 112 mil vagas formais, acima das projeções do mercado. Parte relevante desse resultado esteve concentrada no setor de construção, que apresentou geração de empregos acima da sazonalidade, possivelmente refletindo os incentivos implementados pelo governo ao final do último ano, enquanto os demais setores mostraram criação de vagas mais próxima do padrão histórico para o período. Do lado dos rendimentos, o salário médio real de admissão apresentou aceleração na ponta, atingindo R\$ 2.389,50, com alta de 1,8% em termos reais na comparação anual. Na mesma direção, a PNAD Contínua indicou taxa de desemprego de 5,4%, em linha com o esperado. Na série dessazonalizada, a taxa recuou para 5,3%, renovando a mínima histórica. Além disso, os dados de rendimentos continuam mostrando avanços na margem, com crescimento do rendimento real e da massa salarial, reforçando que o mercado de trabalho permanece relativamente aquecido. Em conjunto, os indicadores sugerem que a economia entra em 2026 em um processo de desaceleração gradual, com perda de dinamismo da demanda doméstica e do investimento, ainda que o mercado de trabalho permaneça relativamente apertado e com rendimentos elevados. Ao mesmo tempo, os dados reforçam um quadro de heterogeneidade entre setores, com segmentos ligados a serviços e ao mercado de trabalho ainda resilientes, enquanto áreas mais cíclicas da atividade já mostram sinais mais claros de enfraquecimento, em linha com a leitura recente do Banco Central de uma desaceleração gradual e não uniforme da atividade econômica.

Nos Estados Unidos, o Payroll de fevereiro trouxe uma surpresa negativa relevante, reforçando sinais de moderação do mercado de trabalho americano e potencialmente colocando o Federal Reserve em uma posição mais delicada na condução da política monetária.

O relatório mostrou fechamento líquido de 92 mil vagas, bem abaixo das expectativas de criação, além de revisões baixistas para janeiro e queda acentuada da média móvel de três meses. A deterioração foi relativamente disseminada, com retração tanto no setor de bens quanto em serviços, destacando-se as quedas em educação e saúde, lazer e hospitalidade e informação, este último ainda refletindo ajustes ligados à adoção de tecnologias de inteligência artificial.

Em contraste, o ADP havia indicado criação de 63 mil vagas no setor privado, ligeiramente acima do esperado, sugerindo alguma recuperação em relação ao mês anterior, ainda que bastante concentrada em poucos segmentos, especialmente construção no setor de bens e educação e saúde nos serviços. Do lado dos salários, o crescimento permaneceu praticamente estável, com alta mensal de 0,40% e variação interanual de 3,84%. Na Household Survey, a taxa de desemprego subiu para 4,4%, acompanhada por redução do número de empregados e leve queda da taxa de participação, movimento parcialmente influenciado pela atualização metodológica ligada ao Censo de 2020 e aos fluxos migratórios. Em conjunto, os indicadores reforçam a leitura de um mercado de trabalho que perde tração na margem, com dinâmica irregular entre setores e criação de vagas cada vez mais concentrada.

Por fim, a sequência de notícias ao longo da semana indica rápida escalada do conflito no Oriente Médio, elevando o risco de uma guerra mais prolongada e com potenciais impactos relevantes sobre o mercado de energia e os ativos globais.

O presidente Donald Trump afirmou que a ofensiva militar pode durar semanas e não descartou uma intensificação dos ataques, enquanto o Irã rejeitou negociações e iniciou o processo de escolha de um novo líder supremo após a morte de Ali Khamenei, aumentando a incerteza política no país. No plano energético, a situação no Estreito de Hormuz se deteriorou significativamente, com forte redução no tráfego marítimo e diversos petroleiros aguardando dentro do Golfo Pérsico devido ao elevado risco de ataques e interferências na navegação. Analistas apontam que, caso essas disrupções persistam por algumas semanas, produtores do Golfo podem ser obrigados a reduzir a produção, dado o limite da capacidade de armazenamento e das rotas alternativas via oleodutos. Em resposta, os EUA indicaram que poderão oferecer garantias de seguro e até escolta naval para embarcações que atravessem a região, na tentativa de preservar o fluxo global de petróleo. Nos mercados financeiros, a escalada do conflito impulsionou os preços do petróleo, elevou a aversão ao risco global e levou investidores a reduzir apostas em cortes de juros pelo Federal Reserve, fortalecendo o dólar e pressionando os rendimentos dos Treasuries. Ativos defensivos também reagiram, com o ouro avançando diante do aumento da incerteza geopolítica. O FMI alertou que um aumento persistente nos preços da energia poderia elevar a inflação global e reduzir o crescimento econômico mundial, destacando os riscos macroeconômicos associados a um choque prolongado no mercado de petróleo. Em conjunto, os desenvolvimentos recentes apontam para um ambiente de elevada incerteza geopolítica, com risco crescente de disrupções no fluxo global de energia caso as restrições ao tráfego no Estreito de Hormuz persistam por um período prolongado.

Calendário Econômico

No **Brasil**, a agenda terá como destaque os dados da inflação do mês de fevereiro, que projetamos alta de 0,64% MoM. Adicionalmente, teremos os dados setoriais de comércio e serviços referentes ao mês de janeiro.

No **Cenário Internacional**, destaque para os dados de inflação nos Estados Unidos, com CPI e PCE ao longo da semana, assim como a divulgação do JOLTS de janeiro.

Data	País	Evento	Referência	Buysidebrazil	Anterior
09/03/26	Segunda-feira				
7:00	EUA	Confiança do Pequeno Empresário	fev/26		99,3
8:25	Brasil	Pesquisa Focus	mar/26		-
15:00	Brasil	Balança Comercial Semanal	mar/26		2,071
10/03/26	Terça-feira				
5:00	Brasil	IPC-FIPE - 1ª Quadrimestre	mar/26		0,25%
8:00	Brasil	IGP-M - 1ª Prévia	mar/26		-
11:00	EUA	Vendas de Morádias Usadas	fev/26		3,91
11/03/26	Quarta-feira				
4:00	Alemanha	CPI Harmonizado (YoY)	fev/26		-
9:00	Brasil	PMC Restrita (MoM)	jan/26	-0,7%	-0,4%
9:00	Brasil	PMC Ampliada (MoM)	jan/26	0,0%	-1,2%
9:30	EUA	CPI (MoM)	fev/26		0,2%
		Núcleo (MoM)	fev/26		0,3%
14:30	Brasil	Fluxo Cambial Semanal	mar/26		-
15:00	EUA	Resultado Fiscal Mensal	fev/26		-94,6
12/03/26	Quinta-feira				
9:00	Brasil	IPCA (MoM)	fev/26	0,6%	0,33%
9:30	EUA	Balança Comercial	jan/26		-70,3
9:30	EUA	Pedidos de auxílio desemprego	mar/26		-
13/03/26	Sexta-feira				
7:00	Z. do Euro	Produção Industrial (MoM)	jan/26		-1,40%
9:00	Brasil	PMS (MoM)	jan/26	0,2%	-0,40%
9:00	Brasil	Levantamento Sistemático da Produção Agrícola	fev/26		-
9:30	EUA	Renda Pessoal (MoM)	jan/26		0,30%
9:30	EUA	Gasto Pessoal (MoM)	jan/26		0,40%
9:30	EUA	Deflator do PCE (MoM)	jan/26		0,40%
9:30	EUA	Núcleo (MoM)	jan/26		0,40%
9:30	EUA	Encomendas à Indústria (MoM)	jan/26		-0,014
9:30	EUA	PIB (QoQ Anualizado)	dez/25		0,014
11:00	EUA	JOLTS	jan/26		6542
11:00	EUA	Confiança do Consumidor	mar/26		56,6
11:00	EUA	Expectativas de inflação para um ano	mar/26		3,40%
11:00	EUA	Expectativas de inflação entre 5 e 10 anos	mar/26		3,30%

Projeções

	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026
PIB - Brasil (%)	1,2	-3,3	4,8	3,0	2,9	3,4	2,3	1,8
Taxa de Desemprego (média, %)	12,0	13,8	13,2	9,3	8,0	6,6	5,6	6,4
IPCA (%)	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,8	4,3	3,8
Taxa Selic (final de período, %)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	12,25	15,00	12,00
Taxa de Câmbio (final de período, R\$/US\$)	4,03	5,20	5,58	5,22	4,84	6,19	5,50	5,40
Transações Correntes (US\$ bil)	-68,0	-28,2	-46,4	-53,6	-28,6	-66,2	-68,8	-74,9
Transações Correntes (% PIB)	-3,6	-1,7	-2,9	-2,8	-1,4	-3,0	-3,0	-3,3
Balança Comercial - BCB (US\$ bil)	26,5	32,4	36,4	44,2	80,5	66,2	60,0	53,6
Investimento Direto Estrangeiro (US\$ bil)	69,2	37,8	46,4	87,2	62,0	71,1	77,7	75,0
Investimento Direto Estrangeiro (% PIB)	3,7	2,6	2,8	4,5	2,8	3,2	3,4	3,3
Resultado Primário do Governo Central (% PIB)	-1,3	-9,8	-0,4	0,5	-2,3	-0,4	-0,4	-0,6
Dívida Pública Bruta (% PIB)	74,4	86,9	77,3	71,7	74,3	76,1	78,7	83,7
PIB - Estados Unidos (%)	2,5	-2,2	6,1	2,5	2,9	2,8	2,2	2,0
PCE - Estados Unidos (%)	1,4	1,1	4,1	6,6	3,8	2,5	2,9	2,8
Fed Funds (final do período, %)	1,75	0,25	0,3	4,0	5,5	4,5	3,75	3,25

Our team

Andrea Bastos Damico
Chief Economist and CEO
andrea@buysidebrazil.com

Rafaela de Sousa
Economist
rafaela@buysidebrazil.com

Marcelo Alonso
Economist
marcelo@buysidebrazil.com

Mirella Hirakawa
Research Coordinator and
Partner
mirella@buysidebrazil.com

Rita Milani
Economist
rita@buysidebrazil.com

Henrique Miareli
Economist
henrique@buysidebrazil.com

